



ENTRE A PERCEÇÃO E A IMAGINAÇÃO: AS VIVÊNCIAS ESTÉTICAS NO MUNDO DA VIDA

BETWEEN PERCEPTION AND IMAGINATION: AESTHETIC EXPERIENCES IN THE LIFEWORLD

Tiago Negrão Andrade¹

Ariane Andréia Teixeira Toubia²

Maria Cristina Gobbi³

Resumo: Este artigo investiga como a vivência estética, no horizonte da fenomenologia contemporânea, se configura como um acontecimento que articula percepção, imaginação, corporeidade, afecção e sentido, operando segundo as lógicas da doação e da saturação. A partir do diálogo com as obras de Husserl, Merleau-Ponty e Marion, em articulação com autores contemporâneos, discute-se como a experiência estética ultrapassa paradigmas representacionais, propondo uma ontologia do sensível e uma ética da hospitalidade. A análise evidencia que o fenômeno estético não se reduz a objeto de contemplação, mas se manifesta como evento que convoca o sujeito à exposição, abertura e transformação, no qual o visível se entrelaça ao invisível e o sensível se torna espaço de coabitação simbólica e intersubjetiva. O estudo adota abordagem teórica, fenomenológica e crítica, ancorada na análise conceitual e hermenêutica de textos fundamentais, delimitando explicitamente os limites e possibilidades do recorte teórico — marcado pela ausência de campo empírico e pela ênfase conceitual — e apontando a relevância do tema para o debate contemporâneo sobre estética e experiência sensível.

Palavras-chave: Fenomenologia da estética; Vivência estética; Percepção e imaginação; Doação e saturação; Ontologia do sensível.

Abstract: This article examines how aesthetic experience, within contemporary phenomenology, emerges as an event intertwining perception, imagination, embodiment, affect, and meaning, operating through the logics of givenness and saturation. Drawing on Husserl, Merleau-Ponty, and Marion, alongside contemporary scholars, the study argues that aesthetic experience exceeds representational paradigms by advancing an ontology of the sensible and an ethics of hospitality. It shows that the aesthetic phenomenon is not merely an object of contemplation but an event that summons the subject to exposure, openness, and transformation—where the visible intertwines with the invisible and the sensible becomes a space of symbolic and intersubjective cohabitation. Adopting a theoretical, phenomenological, and critical approach grounded in conceptual and hermeneutic analysis, the study explicitly delineates its theoretical scope and limitations—highlighting the absence of empirical fieldwork and the conceptual emphasis of the analysis—while underscoring the relevance of the discussion to contemporary debates on aesthetics and sensible experience.

Keywords: Phenomenology of aesthetics; Aesthetic experience; Perception and imagination; Givenness and saturation; Ontology of the sensible.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas, pela Universidade de Sorocaba (Uniso), Cidade, Estado, País. E-mail: tiago.negrao@unesp.br

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação (PPGED) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente no Ensino Superior em cursos de Graduação e Pós-graduação. E-mail: arianetoubia@yahoo.com.br

³ Pesquisadora Livre-Docente em História da Comunicação e da Cultura Midiática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Chefa no Departamento de Jornalismo e professora dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bauru, São Paulo, Brasil. E-mail: crisrina.gobi@unesp.br



1 Introdução

No horizonte das discussões contemporâneas sobre estética e experiência, a fenomenologia se consolida como um dos campos mais fecundos para compreender as dinâmicas entre percepção, sentido e afecção no mundo sensível. Diante do avanço de práticas artísticas que tensionam os limites entre corpo, tecnologia e espaço — como performances imersivas, realidade aumentada, metaverso e intervenções sensoriais — torna-se cada vez mais relevante repensar os fundamentos da experiência estética. A emergência de fenômenos artísticos que colapsam as fronteiras entre visível e invisível, presença e ausência, real e virtual, convoca uma reatualização das categorias fenomenológicas, particularmente no que diz respeito à relação entre percepção, imaginação, corporeidade e doação de sentido (Simonetti, 2024; Murawska, 2020).

Historicamente, a fenomenologia da estética percorre um arco que se inicia com Husserl, para quem a vivência (*Erlebnis*) é estruturada pela intencionalidade — toda consciência é consciência de algo (Husserl, 2012). Nesse modelo, a percepção constitui o objeto presente, enquanto a imaginação opera como evocação do ausente, e a fantasia permite escapar das amarras da temporalidade empírica (Husserl, 2001). Contudo, tal estrutura encontra seus limites frente às transformações operadas na fenomenologia contemporânea. Autores como Zirión Quijano (2021) demonstram que a vivência estética escapa à plena objetivação linguística, habitando um domínio pré-reflexivo e pré-conceitual que desafia qualquer pretensão de totalização discursiva.

Esse deslocamento metodológico e ontológico é aprofundado por Merleau-Ponty (2006), cuja fenomenologia da percepção encarnada reposiciona o corpo como condição de possibilidade de toda experiência. Ao dissolver a dicotomia entre percepção e imaginação, o autor evidencia que o sensível é sempre atravessado por virtualidades, ausências e sentidos em suspenso, abrindo a percepção estética à dimensão do invisível (Merleau-Ponty, 2020; Allen, 2020). Esse debate é radicalizado na obra de Jean-Luc Marion (1997; 2005), que rompe com a centralidade da intencionalidade e introduz a noção de fenômeno saturado — uma forma de aparecer que excede qualquer antecipação, categorização ou representação, instaurando um regime de doação onde o sujeito não constrói, mas recebe o sentido.

Esse percurso, que vai de Husserl à fenomenologia da doação, não é apenas um desenvolvimento interno da filosofia, mas responde diretamente aos desafios impostos



pela arte contemporânea. Práticas que utilizam realidade mista, bioarte, intervenções corporais e ambientes imersivos evidenciam como a experiência estética se dá na interseção entre o sensível, o simbólico e o tecnológico (Murawska, 2020; Simonetti, 2024). Figal (2021) reforça essa tese ao argumentar que o acontecimento estético não requer uma redução formal, pois se impõe na própria espacialidade sensível, priorizando o noemático — a coisa como aparece — sobre qualquer estrutura formalizante.

No contexto atual, essa virada fenomenológica permite contrastar significativamente a estética da doação com abordagens tradicionais centradas na representação ou na função simbólica da obra. Enquanto modelos clássicos da estética tendem a tratar a obra como objeto de contemplação, portador de significados codificados, a fenomenologia contemporânea evidencia que o objeto estético se configura como um campo de acontecimento sensível, onde percepção, imaginação, corporeidade e sentido se entrelaçam de forma dinâmica, instável e aberta (Essom-Stenz; Roald, 2025; Benedek, 2022). Essa compreensão desloca o foco da análise da obra como entidade estável para a experiência como acontecimento que se dá no entrecruzamento de afetos, presenças e ausências.

Todavia, o campo não está isento de desafios e controvérsias. No plano metodológico, persiste a dificuldade de articular uma fenomenologia da saturação sem incorrer em esvaziamento conceitual nem dissolver a obra no puro excesso (Renaudie, 2020; Ekweariri, 2024). Assumimos como limite deste estudo o predomínio do recorte teórico e europeu da tradição fenomenológica, o que pode negligenciar cosmologias ameríndias, africanas, decoloniais e ecológicas — regimes sensíveis organizados por lógicas não ocidentais (Carreras, 2024). Esse reconhecimento delimita possibilidades e fronteiras da análise e justifica as sugestões de pesquisa futura apresentadas nas Seções 6 e 7.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como propósito analisar como a vivência estética, no horizonte da fenomenologia contemporânea, se constitui como um acontecimento que articula percepção, imaginação, corporeidade, sentido e afecção, operando na lógica da doação e da saturação. A investigação parte das tensões entre percepção e imaginação na constituição do fenômeno estético, avança na análise do estatuto da imagem, do símbolo e da metáfora no campo da fenomenologia da arte, e culmina na compreensão da estética como uma ontologia do sensível e uma ética da hospitalidade no mundo da vida. O objetivo é compreender de que modo a estética fenomenológica, especialmente nas obras de Husserl, Merleau-Ponty e Marion — em



diálogo com autores contemporâneos como Bobant (2023), Renaudie (2020), Carreras (2024) e DeRoo (2020) — permite repensar não apenas a experiência estética, mas também suas implicações ontológicas, epistêmicas, éticas e existenciais.

2 Metodologia

Este artigo adota abordagem qualitativa, teórica, documental e crítica, fundamentada na fenomenologia filosófica, articulando fenomenologia da percepção, fenomenologia da doação e debates contemporâneos em estética fenomenológica. A análise se ancora em Husserl, Merleau-Ponty e Jean-Luc Marion, em diálogo com Renaudie (2020), Bobant (2023), Zirióñ Quijano (2021), Carreras (2024), DeRoo (2020), Murawska (2020), Figal (2021) e Essom-Stenz e Roald (2025). A pesquisa consistiu em levantamento e exame crítico de publicações (artigos, livros, capítulos e ensaios) em Scopus, Web of Science, JSTOR, Redalyc e SciELO (2000–2025), com ênfase em estética, fenomenologia e filosofia da arte. Selecionaram-se materiais pelos descritores “fenomenologia da estética”, “vivência estética”, “fenômeno saturado”, “fenomenologia da percepção”, “corporeidade e estética” e “fenomenologia contemporânea da arte”; incluíram-se textos com contribuição teórica substantiva e excluíram-se abordagens estritamente analíticas, formalistas ou psicologizantes, desconectadas do horizonte fenomenológico. O procedimento combinou análise hermenêutica e análise conceitual crítica, focado em identificar e problematizar estruturas fenomenológicas relativas à vivência estética, à relação percepção-imaginação e à lógica da doação/saturação, com implicações ontológicas, éticas e epistêmicas. Reconhecemos como limite o caráter não empírico do estudo (sem trabalho de campo ou protocolos fenomenológicos aplicados), cujo tratamento é retomado nas Seções 6 e 7, o que explicita os limites e possibilidades do recorte.

3 Resultados e Discussão

O conjunto de análises mostra que a compreensão fenomenológica da vivência estética se adensa num percurso que historiciza e tensiona a própria tradição (Husserl, 2001; 2012; Merleau-Ponty, 2020; 2006; Marion, 1997; 2005). As articulações entre percepção, imaginação, corporeidade e doação indicam que a experiência estética excede a consciência intencional e se desdobra como acontecimento que convoca o sensível, o



simbólico e o invisível, na lógica da saturação (Bobant, 2023; Marion, 1997; 2005; Renaudie, 2020). Esse deslocamento ontológico, emergente do diálogo entre Husserl, Merleau-Ponty e Marion, ressoa nas práticas artísticas contemporâneas em que corpo e tecnologia instauram novos modos de presença e afecção (Murawska, 2020; Simonetti, 2024; Essom-Stenz; Roald, 2025). Assumimos, entretanto, que a presente discussão opera em registro teórico, o que delimita a análise e indica como possibilidade sua aplicação em protocolos empíricos e interseções com cosmologias não ocidentais (Allen, 2020; Carreras, 2024; Deroo, 2020; Ekweariri, 2024; Visser; Hansen; Leget, 2019).

3.1 A Vivência Estética na Fenomenologia: Percorso Conceitual

O aprofundamento da reflexão fenomenológica sobre a vivência estética requer, como ponto de partida, revisitar a noção de *Erlebnis*, conceito central na constituição da consciência intencional em Husserl. Diferentemente de abordagens empiristas ou psicologistas, a vivência (*Erlebnis*) é entendida como um ato vivido dotado de sentido, estruturado pela intencionalidade, isto é, pelo direcionamento da consciência a um objeto (Husserl, 2012). Essa estrutura permite compreender que os fenômenos se apresentam sempre como correlatos dos atos que lhes conferem sentido.

Autores contemporâneos como Zirión Quijano (2021) reforçam esse entendimento ao discutir os limites da expressão linguística frente à plenitude da vivência. O autor argumenta que qualquer *Erlebnis*, na sua integralidade, é, em última instância, inefável, o que evidencia a tensão entre a experiência fenomenológica e sua tradução discursiva. Essa perspectiva amplia o debate, mostrando que a experiência estética se inscreve em um domínio pré-reflexivo e pré-linguístico, profundamente enraizado na fenomenalidade.

Neste contexto, torna-se imprescindível clarificar as distinções feitas por Husserl entre percepção, imaginação, fantasia e recordação. A percepção é descrita como a doação originária do objeto presente, no qual este se oferece como plena realidade (Husserl, 2001, 2012). A imaginação, em contraste, modifica essa intencionalidade ao evocar objetos ausentes, sem atribuir-lhes realidade efetiva. A fantasia, por sua vez, rompe com a temporalidade empírica, possibilitando a criação de mundos possíveis, desvinculados da linearidade temporal.

Essa diferenciação permanece central para compreender a experiência estética contemporânea, como mostra Simonetti (2024) ao analisar a obra *The Life* de Marina



Abramović. A utilização de realidades mistas na obra expande os horizontes perceptivos e evidencia como as experiências artísticas se dão na intersecção entre presença e ausência, realidade e virtualidade, percepção e fantasia. A obra de Abramović exemplifica como a estética fenomenológica pode ser mobilizada para compreender os modos de doação do objeto artístico em contextos tecnológicos emergentes.

No entanto, persiste uma limitação na fenomenologia husserliana ao privilegiar a análise da consciência, frequentemente deixando em segundo plano a dimensão sensível e encarnada da experiência estética. Merleau-Ponty (2006) desloca essa análise para a primazia da percepção corporal, argumentando que o corpo não é um objeto no mundo, mas condição de possibilidade para qualquer experiência. A estética, sob essa ótica, não se reduz ao campo mental, mas emerge na intersecção do corpo sensível com o mundo visível.

Essa virada ontológica é reforçada por autores contemporâneos como Mäcklin (2021), que recupera a noção husserliana de passividade para explicar experiências estéticas em que o sujeito se sente tomado pela obra. A passividade, entendida como operações pré-reflexivas da consciência, permite compreender como certos encontros estéticos transcendem a agência do sujeito, sendo vividos como acontecimentos que se impõem a ele.

Flack (2023) também oferece uma importante contribuição ao resgatar as raízes históricas da estética fenomenológica, mostrando que, desde seus primórdios, essa tradição buscou constituir uma ciência geral da arte. Sua análise dos projetos da Allgemeine Kunstwissenschaft e da Academia Estatal Soviética de Estudos Artísticos (GACHN) revela que a estética fenomenológica não era um campo marginal, mas uma tentativa robusta de compreender sistematicamente os fenômenos artísticos.

A reflexão sobre os limites da experiência estética também é ampliada por Ciocan (2024), que discute como situações-limite, como a violência, desafiam a própria estrutura da experiência fenomenológica. Embora seu foco não seja estritamente estético, sua análise evidencia como experiências extremas desestabilizam as fronteiras da intencionalidade, oferecendo paralelos relevantes para compreender experiências estéticas intensas ou disruptivas.

Ao enfatizar a dimensão encarnada da percepção, Merleau-Ponty dissolve as fronteiras rígidas entre percepção e imaginação, mostrando que o visível está sempre atravessado por virtualidades, ausências e evocações. Essa compreensão se torna ainda mais pertinente quando se considera, como argumenta Allen (2020), que a própria noção



de beleza em Merleau-Ponty possui uma dimensão irreduzivelmente teológica, revelando que a percepção estética ultrapassa os dados sensíveis, abrindo-se ao invisível e ao transcendente.

Essa articulação entre sensível e invisível é radicalizada na fenomenologia da doação de Jean-Luc Marion (1997; 2005). Ao romper com a centralidade da intencionalidade, Marion propõe que certos fenômenos — notadamente os estéticos — se apresentam como fenômenos saturados, ou seja, excedem qualquer horizonte antecipável de sentido. Bobant (2023) reforça essa leitura ao demonstrar como a fenomenologia francesa da arte se estrutura como uma metafísica do sensível, na qual a obra de arte não é mero objeto, mas portadora de uma revelação cosmofânica ou teofânica.

Nessa lógica, a estética não se configura como um exercício de representação, mas como uma experiência de passividade radical diante da obra, que se impõe em sua plenitude sensível e simbólica. Este ponto é ampliado por Renaudie (2020), que ao mapear os movimentos internos da fenomenologia, destaca como Marion, ao lado de Merleau-Ponty, opera um “contragolpe intencional”, deslocando o foco da consciência para a própria emergência do fenômeno em sua alteridade e excesso.

Esse deslocamento ecoa nas práticas artísticas contemporâneas analisadas por Murawska (2020), que investiga como performances radicais — envolvendo o próprio corpo e material biológico dos artistas — exemplificam o funcionamento de uma corporeidade pós-fenomenológica. Nessas práticas, a experiência estética não apenas transcende o visível, mas também colapsa as fronteiras entre sujeito, objeto e mundo.

Portanto, o percurso que vai de Husserl a Merleau-Ponty, e destes a Marion, não é apenas uma sequência histórica, mas uma transformação estrutural na própria concepção da experiência estética. Se inicialmente ela é pensada como um entrelaçamento intencional entre percepção e imaginação, ela se torna, na fenomenologia contemporânea, o paradigma da doação incondicionada, da saturação e da experiência que desestabiliza qualquer tentativa de fechamento categorial.

3.2 Percepção e Imaginação no Acontecimento Estético

O acontecimento estético, na perspectiva fenomenológica, é compreendido como uma suspensão dos regimes pragmáticos e utilitários da percepção, instaurando uma epoché estética que permite a abertura ao aparecer do sensível. Esse conceito é aprofundado por Figal (2021), que argumenta que a experiência estética revela uma



primazia do noemático, onde a própria fenomenalidade da obra não requer uma redução formal, pois ela se dá diretamente na experiência sensível e espacial do observador.

Esse deslocamento do olhar ordinário para o olhar estético permite que o objeto se apresente não como funcionalidade, mas como evento de sentido e afecção. Ao investigar experiências intensas com obras visuais, Essom-Stenz e Roald (2025) demonstram que a percepção estética é constituída por um entrelaçamento dinâmico entre percepção, imaginação sensorial, imaginação de presença corporal e imaginação situacional. Isso confirma que a constituição do objeto estético transcende a mera doação empírica, mobilizando um campo de virtualidades e sentidos ausentes.

A distinção clássica proposta por Husserl (2001, 2012) entre percepção — como doação plena — e imaginação — como evocação do ausente — revela seus limites no campo estético. Isso é reforçado por Todorovic (2021), que evidencia como a phantasia em Husserl assume uma função estruturante, não sendo apenas uma modificação da percepção, mas condição para a constituição de mundos possíveis e, portanto, fundamental para a experiência estética.

Merleau-Ponty (2004, 2006) aprofunda essa discussão ao mostrar que toda percepção já está atravessada por virtualidades, projeções e ausências. Essa tese é retomada e ampliada por Benedek (2022), que, ao analisar a fenomenologia da performance teatral, demonstra que a percepção estética envolve uma oscilação constante entre presença sensível e imaginação simbólica, configurando o fenômeno como uma tessitura de sentidos instáveis e abertos.

Deste modo, a obra de arte — seja quadro, escultura ou instalação — não se limita à sua presença material. Ela convoca o olhar a habitar um espaço simbólico, onde percepção e imaginação se entrelaçam, gerando uma experiência estética que transcende a mera apreensão sensível, abrindo-se ao invisível, ao metafórico e ao afetivo.

A fenomenologia da doação, conforme desenvolvida por Jean-Luc Marion (1997; 2005), radicaliza a compreensão do fenômeno estético, deslocando-o da esfera da intencionalidade para a lógica da saturação. Nesse horizonte, o objeto estético não é construído pelo sujeito, mas se impõe como excesso absoluto de sentido, visibilidade e afecção. Bobant (2023) aprofunda essa leitura ao mostrar que, na fenomenologia francesa da arte, a obra funciona como uma revelação ontológica — cosmo-fânica ou teo-fânica —, na qual o sensível transcende sua materialidade para se tornar manifestação do invisível.

Essa concepção implica que a imagem estética não é uma simples representação do real, mas um operador ontológico que articula presença e ausência, sensível e



simbólico. Ekweariri (2024) complementa esse entendimento ao propor uma modificação hermenêutica da fenomenologia da doação de Marion, sugerindo que, embora a saturação do fenômeno priorize a doação sobre a interpretação, ainda há um espaço fundamental para o olhar hermenêutico do testemunho, capaz de sustentar a rede de sentidos que emerge da experiência estética.

Nessa dinâmica, o corpo assume centralidade como mediador sensível desse acontecimento. Murawska (2020) mostra como práticas artísticas contemporâneas, que envolvem intervenções no próprio corpo, exemplificam uma corporeidade pós-fenomenológica, onde o corpo não é mero receptor, mas co-produtor da experiência estética, operando na interface entre o sensível, o simbólico e o tecnológico.

Assim, Renaudie (2020) esclarece como esse deslocamento operado por Marion se insere em um movimento maior dentro da história da fenomenologia, que vai da análise da intencionalidade à fenomenalidade pura, marcada pela emergência do fenômeno como dado que excede qualquer horizonte projetado pela consciência (Renaudie, 2020).

Portanto, a experiência estética, na chave da fenomenologia contemporânea, não é mais compreendida como construção ativa do sujeito, mas como um acontecimento de doação, onde o sentido se dá como excesso, afetando diretamente a corporeidade e abrindo o visível ao invisível, o dado ao simbólico e o sensível ao mistério.

3.3 A Vivência Estética no Mundo da Vida: Sentido, Valor e Essência

A compreensão fenomenológica da vivência estética no mundo da vida reforça que a obra de arte não é mero objeto perceptível, mas um campo de doação de sentido que emerge da interseção entre o sensível, o simbólico e o imaginário. Esse entendimento é aprofundado por Renaudie (2020), que demonstra como a fenomenologia contemporânea — especialmente na proposta de Jean-Luc Marion — desloca o foco da constituição intencional para a lógica da doação, na qual o fenômeno se impõe como excesso, desafiando qualquer tentativa de redução conceitual.

Essa transição é complementada por van Manen e van Manen (2021), que defendem uma fenomenologia voltada diretamente aos fenômenos tal como se apresentam na vida cotidiana, sem a mediação excessiva de estruturas conceituais. Nesse sentido, a obra de arte se inscreve no mundo da vida (*Lebenswelt*) não como abstração, mas como acontecimento sensível que convoca o olhar, a imaginação e a afecção.



Merleau-Ponty (2004; 2006) já havia antecipado essa discussão ao afirmar que as essências não são entidades abstratas, mas estão enraizadas na carne do mundo. De forma convergente, Carreras (2024) propõe, a partir da ecofenomenologia, que a experiência estética é sempre situada, corporal e atravessada pela relação com o ambiente, destacando a inseparabilidade entre o sensível, o simbólico e o ecológico.

Diante disso, a estética fenomenológica, especialmente sob a ótica da doação, revela-se como uma experiência de hospitalidade, onde o sensível se abre à alteridade e o visível remete incessantemente ao invisível. DeRoo (2020) reforça essa tese ao mostrar que, na experiência estética e espiritual, a fenomenalidade envolve não apenas percepção, mas também interpelação, encontro e transcendência, estruturando-se como um campo onde sentido e valor se doam a partir do próprio aparecer.

A fenomenologia da doação, conforme desenvolvida por Jean-Luc Marion (1997; 2005), amplia a compreensão da experiência estética para além da fruição sensível, conferindo-lhe uma dimensão ética e existencial. Esse entendimento é fortalecido por Renaudie (2020), que demonstra como o deslocamento operado pela fenomenologia contemporânea — especialmente no “contragolpe intencional” de Marion — reconfigura a experiência estética como um acontecimento que exige uma postura de acolhimento, escuta e passividade radical diante do excesso do aparecer.

De forma convergente, Visse, Hansen e Leget (2019) aprofundam essa lógica ao propor que a estética, na perspectiva fenomenológica, não é apenas uma categoria do belo, mas um modo de abertura ao indizível, mobilizando uma ética da receptividade, do cuidado e da hospitalidade. Eles defendem que, na arte e na pesquisa estética, o acontecimento é um evento de sentido que transforma o sujeito pela própria exposição ao sensível e ao simbólico.

No mesmo horizonte, Eriksen (2022) discute como a busca pela ordem, inerente ao humano, se depara com seus próprios limites quando confrontada com o excesso do sensível e do ético, especialmente nas práticas que envolvem cuidado, saúde e vulnerabilidade. Sua análise reforça a ideia de que experiências que escapam à lógica do controle e da representação — como a estética — exigem uma ética da exposição e da coabitação com o outro e com o mundo.

Complementando, Krawiec (2021) oferece um paralelo importante ao explorar como, na fenomenologia de Michel Henry, a arte se configura como revelação da vida invisível, onde a experiência estética não é mais representacional, mas afetiva, imanente e radicalmente encarnada. Essa abordagem reforça a tese de que a estética é também uma



fenomenologia do sensível como modo de existir, de ser afetado e de se deixar transformar pelo que se dá.

Portanto, a vivência estética, na chave da fenomenologia contemporânea, configura-se como ética da hospitalidade e da exposição, como ontologia do sensível e como acontecimento que mobiliza afetos, corporeidade e alteridade, no qual o sujeito não domina, mas se deixa transformar pela potência do aparecer. Essa formulação explicita limites (recorte teórico) e possibilidades (aplicação empírica e diálogo intercultural) da análise.

4 Arguição Conclusiva

A análise fenomenológica da vivência estética, tal como desenvolvida neste trabalho, evidencia uma profunda transformação nos modos de compreender a constituição da experiência estética no horizonte da filosofia contemporânea. O percurso que atravessa Husserl, Merleau-Ponty e Marion — tensionado por aportes recentes de autores como Renaudie (2020), Bobant (2023), Carreras (2024) e Ziri6n Quijano (2021) — demonstra que a estética, na fenomenologia, n6o 6 um dom6nio perif6rico, mas um lugar privilegiado para pensar as condi76es de possibilidade do aparecer, do sentido e da afec766o.

O deslocamento da centralidade da consci6ncia intencional para a l6gica da doa766o e da satura766o redefine n6o apenas a compreens6o da obra de arte, mas tamb6m o pr6prio estatuto do sensível e da experi6ncia. Se na fenomenologia cl6ssica a viv6ncia estética podia ser entendida como um entrela76amento de percep766o e imagina766o, na fenomenologia contempor6nea ela se torna o paradigma de um fen6meno que excede qualquer opera766o categorial, conceitual ou representacional. O acontecimento est6tico se imp6e como um evento de sentido que n6o depende da constru766o ativa do sujeito, mas que convoca o corpo, a afetividade e a imagina766o a se abrir ao invisível, ao outro e ao mundo.

Essa transi766o, por6m, n6o implica uma ruptura absoluta, mas uma reconfigura766o dos pr6prios fundamentos fenomenol6gicos. A an6lise da corporeidade em Merleau-Ponty demonstra que a percep766o estética n6o 6 um ato isolado, mas uma opera766o encarnada, situada e afetiva, na qual o visível se entrela76a com o invisível, e o sensível se torna espa76o de coabita766o simb6lica e intersubjetiva. Essa tese se radicaliza na fenomenologia da doa766o, onde a obra de arte n6o aparece como objeto, mas como



fenômeno saturado — uma manifestação que excede, convoca e transforma aquele que a experiencia (Marion, 1997; 2005).

Ao se inscrever no mundo da vida, a estética assume, portanto, uma dimensão ontológica e ética. Não se trata apenas de fruir o belo, mas de se deixar afetar por aquilo que se dá na experiência sensível como excesso, como interpelação e como possibilidade de reorganizar os modos de estar no mundo. Nesse sentido, a estética se revela como uma prática de hospitalidade — ao outro, ao sensível, ao invisível — e como um acontecimento que tensiona as fronteiras entre sujeito e objeto, entre imanência e transcendência, entre presença e ausência.

Essa perspectiva permite compreender a obra de arte, mais do que objeto de contemplação, como operação ontológica que transforma quem vê e o mundo em que se inscreve. A fenomenologia da estética, assim, não apenas descreve, mas produz uma filosofia do sensível na qual a experiência se torna acontecimento transformador. Ao explicitar limites (âncora teórica) e possibilidades (desdobramentos empíricos e interculturais), indicamos o alcance e a fronteira do argumento.

5 Considerações Finais

Este estudo mostrou que, na fenomenologia contemporânea, a vivência estética articula percepção, imaginação, corporeidade, afecção e sentido segundo a lógica da doação e da saturação. Tal deslocamento epistemológico e ontológico afasta a redução ao belo ou à representação e afirma uma ontologia do sensível e uma ética da hospitalidade/exposição, nas quais o sujeito é transformado pela potência do aparecer. Deixamos claros os limites (escopo teórico, ausência de campo) e as possibilidades (aplicação empírica, diálogo não ocidental), e sustentamos que a articulação entre percurso conceitual, acontecimento estético e mundo da vida rompe paradigmas representacionais e propõe uma filosofia do excesso, da hospitalidade e da alteridade sensível.

6 Limitações do Estudo

Entre as limitações, os autores assumem a natureza predominantemente teórica e conceitual da análise (revisão de literatura e debate filosófico), sem investigação empírica de campo ou protocolos fenomenológicos aplicados com participantes. Ademais, o recorte favorece a tradição fenomenológica europeia (alemã e francesa), o que restringe



o diálogo sistemático com perspectivas decoloniais, não-ocidentais e indígenas sobre estética e sensibilidade.

Outro limite refere-se à centralidade da filosofia da arte ocidental, o que restringe a análise a determinados contextos históricos e culturais, não abrangendo experiências estéticas situadas em outros regimes ontológicos, como os saberes ameríndios, africanos ou asiáticos.

7 Sugestões para Pesquisas Futuras

Para expandir os achados dentro dos limites assumidos pelos autores, os mesmos sugerem: (i) pesquisas fenomenológicas empíricas sobre experiências estéticas em museus, performances, instalações imersivas, arte digital e experiências sensoriais; (ii) integração com abordagens decoloniais, ameríndias, afrodiaspóricas e ecológicas, explorando cosmologias e regimes sensíveis distintos; (iii) investigação das intersecções entre estética, tecnologia e corporeidade (realidade aumentada, realidades mistas, metaverso, biotecnologia); (iv) cruzamentos entre fenomenologia da estética e filosofia do cuidado (cura, hospitalidade, reorganização afetiva, acolhimento ético); e (v) estudos interdisciplinares com neurociências, psicologia da percepção, estudos da emoção e ciências cognitivas, sem reduzir a experiência estética a modelos mecanicistas, preservando o rigor descritivo fenomenológico.

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da FAAC/UNESP e ao professor Dr. José Osvando Morais (*in memoriam*). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Proc. 2022/08397-6) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Proc. 305265/2023-7).

Referências

ALLEN, B. **Merleau-Ponty**: Beauty, Phenomenology, and the ‘Theological Turn’. *Theory, Culture & Society*, [S.l.], v. 38, n. 3, p. 71-90, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/0263276420915268>

BENEDEK, Z. The phenomenology of the theatrical performance. *Acta Universitatis Carolinae Interpretationes*, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 187-206, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14712/24646504.2022.10>



BOBANT, C. French Phenomenology of Art and Metaphysics. Phainomenon. **Journal of Phenomenological Philosophy**, [S.I.], v. 36, n. 1, 2024. DOI: <https://doi.org/10.2478/phainomenon-2023-0009>.

CARRERAS, P. Rubicon Crossings: Working at the Margins of Ecotheology and Ecophenomenology. **Religions**, [S.I.], v. 15, n. 10, p. 1275, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/rel15101275>

CIOCAN, C. Violence and the Limits of Experience. **Human Studies**, [S.I.], v. 48, n. 1, p. 197-214, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10746-024-09753-2>

DEROO, N. Phenomenological Spirituality and its Relationship to Religion. **Forum Philosophicum**, [S.I.], v. 25, n. 1, p. 53-70, mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.35765/forphil.2020.2501.4>

EKWEARIRI, D N. Towards a Hermeneutical Modification of Jean-Luc Marion's Givenness and the Gifted. **Religions**, [S.I.], v. 15, n. 11, p. 1341, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/rel15111341>

ERIKSEN, T. E. Possibilities and paradoxes in medicine: love of order, loveless order and the order of love. **Medicine, Health Care and Philosophy**, [S.I.], v. 25, n. 3, p. 465-482, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11019-022-10093-0>

ESSOM-STENZ, A.; ROALD, T. Imaginative Variations: A Phenomenological Analysis of Imaginary Worlds in Experiences of Visual Art. **Estetika: The European Journal of Aesthetics**, [S.I.], v. 62, n. 1, 2025. DOI: <https://doi.org/10.33134/eeja.565>

FIGAL, G. The primacy of the noematic. On the methodological relevance of art for phenomenology. **Continental Philosophy Review**, [S.I.], v. 54, n. 2, p. 171-181, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11007-021-09531-2>

FLACK, P. Phenomenology as an Abortive Science of Art: Two Contexts of Early Phenomenological Aesthetics (Allgemeine Kunstwissenschaft and GACHN). **Journal of Aesthetics and Phenomenology**, [S.I.], v. 10, n. 2, p. 109-125, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/20539320.2023.2267910>

HUSSERL, E. **A fenomenologia da consciência do tempo interno**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HUSSERL, E. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

HUSSERL, E. **Investigações lógicas**. Tradução de José Evandro Nascimento. Petrópolis: Vozes, 2001.

KRAWIEC, A. Sztuka jako objawienie Życia w perspektywie fenomenologii Michela Henry'ego. **Ruch Filozoficzny**, [S.I.], v. 77, n. 1, p. 57-87, 2021. DOI: <https://doi.org/10.12775/rf.2021.004>

MÄCKLIN, H. Ingarden, Dufrenne, and the Passivity of Aesthetic Experience. **Journal of Aesthetics and Phenomenology**, [S.I.], v. 8, n. 1, p. 21-36, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/20539320.2022.2052616>

MARION, J-L. **Étant donné: essai d'une phénoménologie de la donation**. Paris: PUF, 1997.



MARION, J-L. **Le visible et le révélé**. Paris: Cerf, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PONTY, M. M. **O visível e o invisível**. Editora Perspectiva SA, 2020. Tradução de José Arthur Giannotti e Paulo Neves. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MURAWSKA, M. The postphenomenological corporeity: artistic practices on the borderline between art and science. **Analiza i Egzystencja**: czasopismo filozoficzne, n. 49, p. 31-51, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18276/aie.2020.49-02>.

RENAUDIE, P-J. The history of the phenomenological movement. In: **The Routledge handbook of phenomenology and phenomenological philosophy**. Routledge, 2020. p. 11-36. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781003084013-3>

SIMONETTI, A. For a mixed reality Aesthetics Marina Abramović and the immersive philosophy. **Itinera**, [S.I.], n. 28, p. 103-117, 2024. DOI: <https://doi.org/10.54103/2039-9251/27837>.

TODOROVIĆ, T. The manifold role of Phantasie in Husserl's philosophy. **Filozofija i društvo**, [S.I.], v. 32, n. 2, p. 246-260, 2021. DOI: <https://doi.org/10.2298/fid2102246t>.

VAN MANEN, M.; VAN MANEN, M. Doing phenomenological research and writing. **Qualitative Health Research**, [S.I.], v. 31, n. 6, p. 1069-1082, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/10497323211003058>.

VISSE, M.; HANSEN, F.; LEGET, C. The unsayable in arts-based research: On the praxis of life itself. **International Journal of Qualitative Methods**, [S.I.], v. 18, p. 1609406919851392, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/1609406919851392>.

Recebido em: 25 de maio de 2025.

Aceito em: 26 de novembro de 2025.